

O ARQUETIPO DA MÃE NA SÉRIE TELEVISIVA *THE BIG BANG THEORY* A PARTIR DE UMA VISÃO PSICANALÍTICA

WÊSLEY WILLIAM ALVES DE OLIVEIRA

Psicanalista. Mestre em Letras/Literatura (UESPI) na área de Literatura, memória e relações de gênero. Graduado em Licenciatura Plena Letras/Inglês pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Especialização em Literatura, Estudos Culturais e Outra Linguagens. Especialização em Psicanálise (FAEPI). Pesquisador nas áreas de Literatura queer, assim como Literatura, memória e identidade.

Artigo de revisão apresentado como requisito parcial à conclusão da Formação e Pós-graduação em Psicanálise – Faculdade de Educação do Piauí / Escola Freudiana de Psicanálise de Teresina

RESUMO

A série norte-americana *The big bang theory* ganhou notoriedade entre 2007 à 2019, no qual quatro amigos e sua vizinha viviam suas rotinas e dramas em Pasadena, Califórnia. O sitcom retrata como esses homens lidam com seus conflitos e relações com suas figuras maternas e paternas de maneira cômica e com reverberações psicanalíticas. As figuras maternas são centrais e ditam o comportamento dos protagonistas, no qual lidam com suas semelhanças a partir destas personagens femininas. Sheldon Cooper, Howard Wolowitz, Leonard Hofstadter e Raj Koothrappali tornam-se produtos de suas relações com suas mães e buscam constantemente suas aprovações em seus movimentos e desenvolvimentos enquanto seres humanos/homens. O presente artigo objetiva analisar o arquétipo materno dentro da série norte-americana *The Big Bang Theory* frente a luz teórica da psicanálise de Carl Gustav Jung (2021), Erich Neumann (2021) e Donald Winnicott (1983). As figuras maternas presentes no trabalho foram Mrs. Wolowitz e Beverly Hofstadter e suas implicações arquetípicas maternas dentro da relação com seus filhos e como isto reverberou na narrativa televisiva e construção das personagens mãe/filho.

Palavras-chave: Arquétipo; Jung; psicanálise; materno.

ABSTRACT

The American television series *The Big Bang Theory* gained notoriety between 2007 and 2019, portraying the daily routines and dramas of four friends and their neighbor in Pasadena. The sitcom depicts how these men deal with their conflicts and relationships with their maternal and paternal figures in a comedic manner, with psychoanalytic reverberations. Maternal figures are central and shape the protagonists' behavior, as they confront their similarities through these female characters. Sheldon Cooper, Howard Wolowitz, Leonard Hofstadter, and Raj Koothrappali become products of their relationships with their mothers and constantly seek their approval in their actions and development as human beings/men. This article aims to analyze the maternal archetype within the American series *The Big Bang Theory* in light of the psychoanalytic theories of Carl Gustav Jung (2021), Erich Neumann (2021), and Donald Winnicott (1983). The maternal figures examined in this study are Mrs. Wolowitz and Beverly Hofstadter, along with their archetypal maternal implications in their relationships with their sons and how these dynamics reverberate in the television narrative and in the construction of the mother/son characters.

Keywords: Archetype; Jung; psychoanalysis; maternal.

INTRODUÇÃO

A série norte-americana *The Big Bang Theory* alcançou ampla notoriedade entre os anos de 2007 e 2019, ao retratar a rotina, os conflitos e as relações interpessoais de quatro amigos cientistas e de sua vizinha, ambientados na cidade de Pasadena, Califórnia. Inserida no gênero comédia de situação (sitcom), a produção utiliza o humor como recurso narrativo para explorar a vida cotidiana dos personagens centrais — Sheldon Cooper, Howard Wolowitz, Leonard Hofstadter e Raj Koothrappali — tanto em seus contextos profissionais quanto em suas relações pessoais. Um dos elementos estruturantes da narrativa reside na influência de suas vivências pretéritas, especialmente no que se refere às figuras maternas, as quais

se revelam determinantes na constituição de suas relações afetivas e de seus conflitos subjetivos.

Na sociedade contemporânea, a construção da figura materna é frequentemente atravessada por constructos sociais historicamente marcados pelo machismo e pela misoginia, os quais repercutem de maneira significativa na formação da subjetividade humana. A maternidade, nesse sentido, tornou-se objeto de análise em diferentes campos do saber, sobretudo nos estudos biológicos e psicanalíticos, ganhando destaque a partir das contribuições de teóricos como Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Melanie Klein. O conceito de arquétipo, desenvolvido por Jung (2011), evidencia como imagens socialmente construídas reverberam na constituição do “eu” e no imaginário individual. Todavia, tais modelos, muitas vezes naturalizados como instintivos ou imutáveis, podem ser questionados e ressignificados por meio de representações controversas e subversivas, como aquelas apresentadas na série em análise.

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo analisar de que maneira o arquétipo materno, com enfoque nas personagens Sra. Wolowitz e Beverly Hofstadter, interfere na construção da subjetividade de seus respectivos filhos, à luz de referenciais psicanalíticos. A narrativa da série evidencia como essas figuras maternas exercem papel fundamental na formação psíquica dos personagens, contribuindo para a estruturação do ego a partir de arquétipos maternos contraditórios, porém decisivos.

Para tanto, o estudo propõe discutir os fundamentos teóricos do conceito de arquétipo, com base nos autores supracitados, bem como investigar de que modo essas representações maternas influenciam o desenvolvimento emocional e relacional de seus filhos. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, valendo-se de um estudo bibliográfico fundamentado na literatura psicanalítica clássica e contemporânea.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, com delineamento bibliográfico. O estudo fundamenta-se na análise

teórica do arquétipo materno a partir da psicologia analítica e da psicanálise, articulando tais referenciais com a narrativa da série *The Big Bang Theory*. A abordagem qualitativa justifica-se por priorizar a interpretação de significados, símbolos e construções subjetivas presentes tanto nas obras teóricas quanto na produção audiovisual analisada.

Quanto aos procedimentos, a pesquisa foi eminentemente bibliográfica, realizada a partir do levantamento, seleção e análise de livros, artigos científicos, teses e dissertações que abordam os conceitos de arquétipo, inconsciente coletivo, complexo materno e desenvolvimento psíquico. As principais bases teóricas utilizadas foram as contribuições de Carl Gustav Jung (2021), Erich Neumann (2021) e Donald Winnicott (1983), especialmente no que se refere à constituição da personalidade, às dinâmicas arquetípicas e às relações primárias entre mãe e filho. Também foram consultados estudos contemporâneos que dialogam com a interface entre psicanálise e produções culturais midiáticas.

A análise de conteúdo foi conduzida em três etapas: (1) pré-análise, com leitura flutuante do material teórico e observação inicial dos episódios selecionados; (2) exploração do material, com categorização temática baseada nos conceitos de arquétipo materno, mãe devoradora, mãe nutridora, complexo materno e dependência emocional; e (3) tratamento e interpretação dos resultados, articulando as categorias encontradas com os referenciais teóricos adotados. Esse processo possibilitou identificar correspondências simbólicas entre as formulações psicanalíticas e a representação ficcional das relações mãe/filho na série.

O período de realização da pesquisa compreendeu dezembro de 2025 a fevereiro de 2026. Em dezembro de 2025 ocorreu o levantamento e a seleção do referencial teórico; em janeiro de 2026 foi realizada a análise dos episódios e a organização das categorias temáticas; e, em fevereiro de 2026, procedeu-se à sistematização das interpretações e redação final do artigo.

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 Arte, mídia, subjetividade humana e construção simbólica no cotidiano

Desde muito tempo a arte vem ajudando na compreensão da subjetividade humana. Desde a literatura, música, filmes e pintura o ser humano é colocado dentro

de seus sentimentos e comportamento. Com o advento da tecnologia e mídia, observar a construção da psique humana tornou-se mais visual, além do que auditiva.

As plataformas de *streaming* trouxeram uma nova forma de consumo audiovisual, no qual não apenas os filmes eram disponibilizados, mas uma nova forma de entretenimento, as séries. Elas retratavam uma história, no qual estaria dividida em capítulos, mas em menor tempo do que uma novela. As que ganharam maior notoriedade foram as classificadas como *sitcom* em que retratam de forma leve e com humor, o cotidiano de um grupo de pessoas. Entre as mais populares estão as estadunidenses *Friends*, *The big bang theory* e *How I met your mother*.

Apesar de ter como temas principal a vida rotineira de seus personagens centrais, em paralelo, elas traziam assuntos e abordagens de estudo de personalidade na construção de suas narrativas. As questões estereotipadas, como a loira burra, o filho judeu que não consegue sair de perto da mãe ou a masculinidade forte do sul dos EUA criam ideias preconcebidas e chistosas para trazer humor e construir um molde no qual o público se sinta familiarizado.

Essas figuras estereotipadas, no qual se formam através de molde sociais, foi objeto de estudo do psicanalista Carl Gustav Jung (2011). Para o estudioso, o coletivo forma ideias acerca de figuras construídas socialmente e dão a elas funções ao qual devem desempenhar. Essas ideias estão firmadas a séculos e, desde que nascemos, nos é repassado a função de cada indivíduo dentro de sua vida. Com o corroborar desses tópicos o coletivo criou imagens inconsciente dos personagens envolvidos em sua narrativa, como por exemplo: a mãe, o pai, o herói, o velho sábio entre outros. Para o psicanalista, a construção inconsciente coletiva desses personagens tem o nome de arquétipo:

Os arquétipos são formas ou imagens de natureza coletiva, que ocorrem praticamente em toda a Terra como constituintes de mitos e, ao mesmo tempo, como produtos autóctones de origem individual. Os arquétipos e o inconsciente coletivo correspondem a uma camada mais profunda da psique, que não deriva da experiência pessoal e não é adquirida individualmente, mas herdada (Jung, 2011, p.53).

De acordo com Jung (2011), a coletividade constrói personagens, no qual absorvemos e esperamos suas representações em nossas vidas. Isto não é algo pronto dentro da psique humano, mas internalizado de forma coletiva e construída há muito tempo pelo social.

Figuras como a mãe é um dos papéis mais discutidos dentre os estudiosos psicanalista, pois é a personagem central na vida de todos os seres humanos, no qual perpassa pela gestação, o nascimento e a criação de seus descendentes. Elas estão amparadas em arquétipos de cuidado, afeto e proteção. Para as figuras femininas que gestam, o coletivo espera que características dentro de moldes religiosos. A mulher deve seguir e ser o que Ave Maria representou para a humanidade: pureza, presteza e zelo. Imposições a respeito de segurança e cuidado são colocadas as mães de forma coletiva no ocidente.

O arquétipo da mãe é uma figura que aparece sob as mais variadas formas na história dos costumes, da religião, da mitologia e da filosofia. É a Mãe Terra, a 'matéria' primordial de que somos feitos e à qual retornamos; é a mãe natureza, o mundo vegetal e animal; é o 'paraíso da infância', o estado de inocência e de felicidade anterior à consciência; é o inconsciente, pois é a matriz do consciente, o útero onde ele é gestado (Jung, 2011, p. 25).

A figura da mãe desenvolve diversos papéis, no qual se espera, de acordo com o imaginário coletivo, em especial o anima, que ela reproduza o que já vem sendo feito há muito tempo como o cuidado, nutrição e afeto.

O desenvolvimento do indivíduo com esta figura torna-se algo de grande valia em sua vida, pois é através dela que suas necessidades são sanadas. Ele(a) forma a imago materno, uma imagética de mãe no qual internaliza e aprofunda relações base, assim como desenvolvimentos complexos da subjetividade e construção inconsciente. É pelo amparo, afeto, nutrição, segurança e reconhecimento que está relação se estabelece e constrói/ajuda uma estrutura psíquica.

3.2 *The big bang theory* e o arquétipo da mãe

Na série norte-americana *The big bang theory*, a figura materna torna-se um tema transversal a trama, mas no qual é observado como importante ao passo que a vida das personagens se desenrola através de suas vivências em suas infâncias. Entre as figuras femininas, duas são destaque na série pelos seus comportamentos enquanto mãe, dentro do diálogo dos personagens e a construção imagética coletiva materna.

As figuras das mães Sra. Wolowitz e Beverly Hofstadter são controversas. Ambas possuem um estilo de compreender a maternidade a sua maneira e vamos percebendo isto com o desenvolvimento dos personagens de seus filhos. Enquanto a primeira corrobora com um estereótipo de uma mãe judia, no qual não quer viver longe do filho, a outra personagem torna-se avessa ao filho, no qual o rejeita e o insulta constantemente. A polaridade dessas imagens também foi criada no imaginário (inconsciente) coletivo, no qual pode ser observado como aquela que cria e destrói, nutre e abandona e no qual podemos observar como construtor da psique de seus filhos. Para Jung (2011, p.78), a construção desse arquétipo polarizado é importante para a compreensão do indivíduo no qual o circunda.

No consciente coletivo há a predominância da maternidade enquanto elemento de cuidado, mas não de destruição ou um constructo de traumas. As personagens da série figuram essa imagética de proteção, mas que no decorrer da narrativa é observado uma destruição de elementos centrais na construção de uma personalidade saudável: autonomia e autoestima.

3.1.1 Howard Wolowitz e Sra. Wolowitz

A Sra Wolowitz é narrada como uma mãe cuidadosa, viúva e que teve de lidar com o abandono de seu marido e a criação solitário do filho. A personagem não é mostrada na série, mas sua voz. O filho é transcrito como um menino mimado e sem autonomia nas suas ações, logo dependendo das ações da mãe para funções simples: o corte da carne, arrotar após comer, a escolha de roupas e o preparo das refeições. O incentivo a infantilização causa prejuízos ao desenvolvimento social do

filho ao qual não consegue ter autonomia em funções básicas, assim como suas relações conjugais. O personagem Howard criou uma relação de dependência emocional com a mãe em que a busca dentro de seus relacionamentos afeitos e conjugais.

Na temporada 5, episódios 22, em uma conversa informal com os amigos, uma dúvida surge sobre qual animal eles seriam, Howard Wolowitz menciona que seria um canguru. Animal no qual vive dentro de uma bolsa externa ao corpo da mãe, uma espécie de útero. O retorno ao útero materno como uma forma de cessar o sofrimento do nascimento é um ponto de discussão entre os psicanalistas:

O complexo de Édipo representa, psicologicamente, apenas a via de acesso, mais fortemente acentuada sexualmente, ao desejo primordial de retornar ao útero. A análise do complexo de Édipo conduz, em última instância, à situação primordial do nascimento, na qual o complexo tem sua base biológica (Rank, 1924, p. 19).

Para Rank (1924), o trauma do nascimento é o caminho central para a construção neurótica, pois é através dele que o sofrimento de viver acontece. O desejo de retorno ao útero é uma ideia de cessar do sofrimento da vida, onde apenas as necessidades básicas eram primordiais. Viver longe do útero materno é sofrer, logo a vida torna-se sofrimento. O desejo de retorno ao ambiente de acolhimento, nutrição, serenidade e segurança torna-se contínuo na vida do personagem.

Para Howard, o retorno ao útero da mãe poderia ser uma porta para não viver o sofrimento que seria sua vida e seus traumas mencionados constantemente dentro da série: o abandono do pai enquanto criança e sua busca constante por um pai amoroso. O personagem vive uma relação conflituosa com a mãe, mas no qual se beneficia de sua infantilização proporcionada e incentivada por ela. Para alguns estudiosos, como Neumann (2018), a relação mãe-filho é pautado em uma longa tentativa de conflitos, no qual o desvencilhar desse arquétipo torna-se uma desordem:

O arquétipo da Grande Mãe domina não apenas a fase simbiótica da relação mãe-filho, mas toda a vida psíquica do

indivíduo e da humanidade. Como o inconsciente coletivo em si, ela é o fundamento a partir do qual a consciência do ego emerge e se separa, e para o qual pode retornar em dissolução. A luta do herói contra o dragão, um dos mitos centrais da humanidade, é essencialmente a luta do ego consciente para se libertar do poder abrangente e, por vezes, sufocante do arquétipo materno (Neumann, 2021, p. 78).

A figura da mãe, torna-se presente na vida do filho não apenas enquanto bebê, mas durante toda sua jornada na vida adulta. Esse arquétipo materno não é um estágio superado, ele se prolonga nas buscas pela maternidade em diversas oportunidades, seja na religião, na natureza, nas relações que os acolhem, além da criatividade e das relações com as emoções. A criança cria seu ego a partir de um momento de dissolução e ruptura com a mãe, mas no qual o referencial materno ainda se encontra presente. No entanto essa luta pela dissociação é constante e os conflitos podem emergir no processo da vida.

Howard Wolowitz não conseguiu romper com o cordão que o liga a sua mãe, no qual o seu desenvolvimento tornou-se prejudicial em sua formação e relação com suas emoções. O seu ego retornou ao seu inconsciente em um processo de fusão entre mãe-filho tornando esta relação patológica. O filho não desvincula seu consciente das vivências, dependência e experienciar de sua relação com a mãe. O arquétipo da mãe vem da ideia de provimento do filho, assim como sua tentativa de treiná-lo para sobreviver no mundo que o aguarda. No entanto, às vezes, essas relações sofrem uma ruptura em sua função, pois as mães perpassam por caminhos de não reconhecimento de suas funções arquetípicas. Nesses momentos, os filhos tornam-se figuras dependentes de suas emoções e movimento quanto a vida.

Para o psicanalista britânico Donald Winnicott (1983) a mãe traz consigo o dever de levar o filho todos os elementos necessários para sua sobrevivência ao passo que tenta torná-lo independente em suas funções quando ocorrer a falha materna. Essa teoria contrapõe a ideia de que a mãe é detentora de todas as funcionalidades da criança em sua evolução, algo perpassado socialmente e absorvido em uma formação arquetípica.

É no processo de cisão da ideia de ilusão onipotente do bebê que ele se

observa como um ser (corpo) a parte do ser-mãe. Neste momento é apontado a existência de um eu, no qual está cindindo daquele ser que fazia parte do seu todo. Neste momento, nasce o outro, a mãe. Esta ideia está integrada ao que Jaques Lacan (1998) chamou de o estádio do espelho: o bebê percebe que seu corpo está fundido do corpo materno, ou seja, ele vivia em um estado de alienação. O paralelo ao espelho vem de sua percepção corpórea ao qual a cisão de sua imagem a imagem da mãe acontece. A construção do eu vem de um processo de análise do outro, neste caso a mãe.

O conceito do *holding*, no qual foi trazido por Winnicott (1983), perpassa pela ideia arquetípica da Grande-mãe. Ao perceber que a figura materna está atrelada a ideia de subsistência, segurança, nutrição e afeto ao bebê, logo podemos conectar a construção de um espaço pelo qual o desenvolvimento da criança se faça suficiente e a mãe desempenha sua função. O conceito do *holding* está atrelado a construção de um espaço psíquico e físico importante e saudável ao desenvolvimento da criança em que três premissas importantes se constroem: previsibilidade, adaptação sensível as necessidades e proteção contra instruções excessivas. Para o ocorrer o desenvolvimento e o processo de amadurecimento espontâneo (construção do self), o ambiente tem de estar favorável a experiências espontâneas. O *holding* excessivo impede o momento de cisão da criança para com a mãe o que ocasiona a imaturidade de seu aparelho psíquico.

A personagem de Mrs Wollowitz ainda mante a relação com o filho dentro do ambiente de sua casa, local ao qual o filho cresceu e permanece até a fase adulta. O ambiente físico é espaço de reminiscência e construção do seu eu, no qual faz com que o personagem não consiga se desvincular daquele local mesmo com a morte da mãe. Ela, neste caso, não provoca a cisão entre o filho, o que ocasiona a dependência dele para funções básicas de sua vida: a forma de se vestir (infantil e colorida), não conseguindo construir vinculas com nenhuma mulher, atividades básicas de sua rotina (alimentação e locomoção) ainda sendo realizadas pela mãe.

No entanto, na temporada 7 (episódio 11), o personagem do filho demonstra o desejo pela morte da mãe como forma de alívio pela constante intromissão dela em sua vida. Este momento exibido expõe à vontade no qual ele busca a liberdade e a cisão entre a Grande-mãe e seu filho em que ele encontraria paz e a si mesmo. A

mãe falha pelo excesso de mediação na vida do filho e que ocasiona em uma sucessão de fracassos dele frente as adversidades exigidas pela vida adulta.

O arquétipo criado da mãe enquanto figura de segurança e nutrição perpassado pelo imaginário coletivo e reforçado as mulheres constantemente. No entanto, o desejo do matricídio de Howard pode estar associado a interrupção do suporte materno a sua prole, o que levaria ao extermínio da mãe pela perda de suas funções. Outra ideia, seria o amor e a destruição do objeto-mãe como incorporação dele para seu eu, assim como afirmou Freud (1905, p. 25): “Incorporar o objeto é, ao mesmo tempo, destruí-lo.” Em outras palavras, a cisão entre o filho e a mãe é um momento de desejo fantasiado pela criança.

Outro fator importante a ser observado é a conjectura da figura materna como objeto do personagem mesmo em sua fase adulta. Na temporada 8 (episódio 01), ele demonstra receio da perda da figura da mãe para o personagem Stuart, no qual a mãe desperta uma possível relação amorosa. A criança, em seus primeiros momentos de vida não observa a mãe um objeto, mas ao realizá-lo constrói, dentro de sua relação filho-mãe, a percepção de objeto-total. Mais tarde, com a cisão completa de seu objeto de desejo e manutenção de suas necessidades básicas é demonstrado a construção do complexo de Édipo. O ódio pelo pai e o amor pela mãe é constituído neste momento em que seu objeto sexual é colocado em perigo. Esse é o primeiro momento para a construção das neuroses e formação do sujeito. No entanto, quando esse corte não ocorre há a fixação ao objeto amado: “quando o complexo de Édipo não é suficientemente superado, cada uma das exigências pulsionais que dele procedem permanece ativa e pode dar origem a perturbações posteriores”

(Freud, 2011, p. 201).

Como consequência da não cisão e dá não quebra da relação incestuosa criada pela criança vem a obsessão pelo objeto. Esse referencial é percebido dentro da relação de Howard com sua mãe. A figura paterna abandona o lar ao passo que a mãe é intitulada como a única figura de amor e modelo. A entrada do personagem Stuart na narrativa da família implicaria na imposição do complexo tardio ao personagem e a dor de perder o objeto desejado.

3.2.1 Leonard e Beverly Hofstadler

No que tange o relacionamento e a criação da imagética materna de Beverly Hofstadler, o arquétipo da mãe ganha um aspecto ambivalente. A mãe pode adquirir a função de nutrição e segurança, ao passo que pode falhar quanto ao cuidado afetivo. De acordo com Jung (2014, p. 87), “a mãe, como arquétipo, possui uma multiplicidade quase infinita de aspectos”, no qual ela desperta diversas imagens e construções arquetípicas no imaginário coletivo.

A personagem desta mãe coloca seu filho dentro de uma relação de frieza e pragmatismo, em muitas vezes, o utilizando como experimento científico. Não havendo tentativas de demonstração de afeto, logo criando uma mãe que não disponibiliza todas as ferramentas para o desenvolvimento emocional do filho, anulando a subjetividade e o amparo afetivo. Esse comportamento a coloca como a mãe devoradora e castradora, no qual “não quer o crescimento, a autonomia ou a diferenciação do filho”, como afirmou (Jung, 2013, p. 102).

Esse desenrolar criou um filho persistente em buscar aprovação, assim como sentimentos de rejeição e insegurança. A constante criação de um cenário de jogos, frieza e ausências de sentimentos fraternos e acolhedores justifica-se pela escolha da mãe de um ambiente pautado no logos, em detrimentos do eros. Por consequência, criando uma mãe que falha na criação imaginária emocional.

Na construção de seus complexos (funções pautas no imaginário coletivo e construção de experiências) a maternidade ganha panorama central na construção do ser. Para com isso, assim como elementos que constroem ambientes de segurança e autonomia subjetiva, o complexo materno negativo pode trazer instabilidade ao ego tornando-o frágil e em busca de aprovações externas. O personagem do filho (Leonard) está em constante desamparo, culpa e submissão aos que o cerca, assim sendo, buscando em figuras femininas a aprovação de si, assim como a figura da mãe em uma tentativa de redenção e afeto.

Na temporada 8 (capítulo 15 e 23) o filho busca na mãe tentativas de receber afeto, no entanto a mãe não retribui. Em muitas vezes ela abstém dessa obrigação colocando a responsabilidade afetiva do filho nele mesmo, observando que ele deveria galgar o amor dela. A mãe imputa características perversas ao demonstra

constante interesse em pessoas próximas ao filho, no entanto, o desprezando constantemente.

A mãe com uma dinâmica perversa traz consequências significativas para a formação da criança. Ela não se afasta do arquétipo da “grande mãe” ou mãe terrível”, mas personaliza essa nova figura dentro do arquétipo construído no coletivo. Ela pode ser formada através de alguns aspectos: falha no holding, no reconhecimento do outro e perversão nos vínculos. Esse arquétipo materno se divide em dois polos: positivo e negativo:

O arquétipo da Grande Mãe é, como todos os arquétipos, bipolar; isto é, abrange tanto um polo positivo, bom, quanto um polo negativo, mau. O polo bom significa crescimento, fertilidade, nutrição, proteção, calor; o polo mau significa perigo, medo, sufocação, encantamento, morte (Neumann, 2021, p. 55).

O polo positivo é colocado como o da vida, nutrição e segurança, enquanto o polo negativo está atrelado a morte, destruição, falta de afeitos e insegurança. A mãe perversa está dentro da ideia negativa do arquétipo, no qual ela o pessoaliza. O arquétipo é impessoal, mas a mãe má pessoaliza a ideia perversa de sua relação com seu filho.

Dentro da série, Leonard está em busca da aprovação de sua mãe, assim como tentando fazê-la demonstrar algum afeto. No entanto, a mãe não o coloca em um polo positivo, mas dentro da negatividade. Na temporada 11 (episódio 4), o personagem liga para a mãe buscando e perguntando de forma direta se a mãe sente orgulho dele e ao receber um reforço positivo ele chora. A mãe não demonstra afeição para com ele.

O arquétipo da figura materna está atrelado a polaridade das máximas da vida, o bem e o mal, no qual ela é imputada a está sempre propensa as necessidades do filho. No entanto, a polaridade negativa faz parte do desenvolvimento e construção do ser. A mãe irá adquirir ambas as formas buscando um equilíbrio dentro de suas funções. Contudo, o imaginário coletivo não observa ambas da mesma forma. A mãe deve estar pronta para prover filho de forma indubitável e sem questionamentos, dentro de um espectro puro e intocado. A

mulher que busca o oposto disto estaria fadada ao espectro da mãe ruim, pois o filho não obtém o que deseja e necessita.

Dentro da série, as figuras femininas que dedicaram toda sua vida a família e religião estão imputadas como boas mães, enquanto Beverly, uma mulher que buscou uma vida fora dos parâmetros do lar está atrelada a frieza e maldade ao filho. A série reforça um estereótipo, no qual a mãe boa é aquela do lar e dos filhos. Enquanto aquela que busca algo fora disto estaria atrelada a perversão e a não afetividade.

As personagens da Sra. Wolowitz e Mary Cooper entram dentro do paradigma da boa mãe – católica, judia e do lar. Na série elas são demonstradas dentro do aspecto do afeto, cuidado e segurança (A Grande Mãe), mas Beverly Hofstadler – atea, psiquiatra e do mundo do trabalho – está atrelada a frieza e descuido (A Mãe Terrível). O reforço dessas ideias é algo presente dentro do imaginário coletivo, no qual a submissão da mãe é um dos requisitos para a grandeza dela. A mulher, no qual não se coloca dentro desses patamares, fica dentro do polo oposto ou negativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte torna-se uma representação do social e de como ela é expressa em comunidade. Desde pinturas até filmes, ela prova que a humanidade é feita de inventividades e subjetividades. Ela busca na fantasia humana uma forma de expressão em sua primazia e amago. Reconhecida pelo pai da psicanálise, Sigmund Freud (2021, p.21), ela foi vista como aquela que “oferece satisfações substitutivas para as mais antigas e ainda mais profundamente sentidas renúncias culturais.”

Os filmes, assim como as séries, tornaram-se formas de expressão artística e a psicanálise como objeto de estudo através delas. O tema do arquétipo materno torna-se tema de análise, no qual vai desde *Psicose*, de Alfred Hitchcock (1960), perpassando por *Tudo sobre minha mãe*, de Pedro Almodóvar (1999), até chegarmos em *The Big Bang Theory*, no qual é objeto de estudo deste artigo.

Foi observado que a construção das personagens centrais (Leonard, Sheldon e Howard) foram embasados em relações maternas com constructo psicanalítico e passivo de estudos mais profundos, no qual foi perpassado um recorte dentro dos

personagens maternos Beverly Hofstadler e Mrs Wollowitz, mães de Leronard e Howard, respectivamente.

As relações construídas com essas mães, dentro da narrativa da série, corroboram com o estudo de Carl August Jung (2011) acerca do arquétipo da mãe, sua construção e implicância na vida dos filhos. A visão formada acerca da boa mãe e a mãe ruim são perpassadas dentro das personagens de Beverly e Mrs. Wollowitz, no qual demonstra implicações claras na construção da subjetividade dos filhos, em especial a maturidade não construída por eles.

A série releva personagens dentro de um exagero em suas expressões enquanto mães. Mrs Wollowitz com o estereótipo da mãe judia superprotetora e Beverly enquanto a mãe cientista, no qual faz do filho seu objeto de estudo. As colocações feitas pelos filhos são de dependência emocional, mesmo que criados em lares e formações diferentes. A mãe boa (Mrs Wollowitz) e a mãe má (Beverly Hofstadler), arquétipo materno Jungiano, são colocados dentro do enredo como figuras que amam e desprezam os filhos a sua maneira, seja em suas atitudes de proteção e cuidado, até atitudes de rejeição.

No entanto, a série reforça a ideia concebida socialmente, no qual a mãe reconhecida como boa seria aquela que vive dentro do lar, cuidando do filho e esperando o marido retornar. Logo, a mãe má estaria fora do lar, trabalhando, longe dos filhos, assim como os colocando em posições de abandono. A personagem da Mrs. Wolowitz ganhou o contorno da boa maternidade, pois abdicou de sua vida para a criação de seu filho, enquanto Beverly ganhou o contorno da má maternidade quando decidiu se dedicar a carreira e não a vida de mãe.

A construção de arquétipos (constructos sociais de um imaginário coletivo) é reforçada dentro da série com as personagens em estudo. No entanto, é notório que os personagens dos filhos se tornaram figuras próximas em suas personalidades mesmo com mães diferentes em suas criações. Howard e Leonard demonstram traços imaturos, carentes e em busca de aprovação constantes de suas companheiras na tentativa de igualar o amor materno (presente em demasia ou ausente).

A série demonstrou, dentro do estudo, que as figuras maternas Mrs Wollowitz e Beverly Hofstadler são o retrato de um arquétipo da mulher-mãe. Elas

ambientaram espaços de mulheres no qual perpassou pela subjetividade coletiva e reforçaram estereótipos sociais acerca da mulher que gera. As figuras femininas na série foram colocadas como personagens que antagonizam mães e filhos, mas no qual o resultado são o reforço da fantasia da mãe boa e má.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Freud (1901-1905) — Obras completas, v. 6**: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo. In: FREUD, Sigmund. **O ego e o id, “Autobiografia” e outros textos (1923–1925)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2020.

Freud, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. 1. ed. Porto Alegre: Martin Claret, 2021.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

NEUMANN, Erich. **A Grande Mãe**: uma fenomenologia das configurações femininas do inconsciente. Tradução de César Eduardo Alves. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2021.

RANK, Otto. **O Trauma do Nascimento**. São Paulo: Cienbook, 2016.

THE BIG BANG THEORY. Direção: Mark Cendrowski. **Roteiro**: Chuck Lorre, Bill Prady; Estados Unidos: Warner Bros Television, 2007 – 2019.

WINNICOTT, Donald W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artmed, 1983.